

Coelho Pacheco

## PARA ALÉM DOUTRO OCEANO

Num sentimento de febre de ser para além doutro oceano  
Houve posições dum viver mais claro e mais límpido  
E aparências duma cidade de seres  
Não irreais mas lívidos de impossibilidade, consagrados em  
pureza e em nudez  
Fui pórtico desta visão irrita e os sentimentos eram só o desejo de os ter  
A noção das coisas fora de si, tinha-as cada um adentro  
Todos viviam na vida dos restantes  
E a maneira de sentir estava no modo de se viver  
Mas a forma daqueles rostos tinha a placidez do orvalho  
A nudez era um silêncio de formas sem modo de ser  
E houve pasmos de toda a realidade ser só isto  
Mas a vida era a vida e só era a vida

O meu pensamento muitas vezes trabalha silenciosamente  
Com a mesma doçura duma máquina untada que se move sem fazer barulho  
Sinto-me bem quando ela assim vai e ponho-me imóvel  
Para não desmanchar o equilíbrio que me faz tê-lo desse modo  
Pressinto que é nesses momentos que o meu pensamento é claro  
Mas eu não o oiço e silencioso ele trabalha sempre de mansinho  
Como uma máquina untada movida por uma correia  
E não posso ouvir senão o deslizar sereno das peças que trabalham  
Eu lembro-me às vezes de que todas as outras pessoas devem sentir isto  
como eu

Mas dizem que lhes doi a cabeça ou sentem tonturas  
Esta lembrança veio-me como me podia vir outra qualquer  
Como por exemplo a de que eles não sentem esse deslizar  
E não pensam em que o não sentem

Neste salão antigo em que as panóplias de armas cinzentas  
São a forma dum arcaboço em que há sinais doutras eras

Passeio o meu olhar materializado e destaco de escondido nas armaduras  
Aquele segredo de alma que é a causa de eu viver  
Se fito na panóplia o olhar mortificado em que há desejos de não ver  
Toda a estrutura férrea desse arcaboço que eu pressinto não sei porquê  
Se apossa do meu senti-la como um clarão de lucidez  
Há som no serem iguais dois elmos que me escutam  
A sombra das lanças de ser nítida marca a indecisão das palavras  
Dísticos de incerteza bailam incessantemente sobre mim  
Oíço já as coroações de heróis que hão-de celebrar-me  
E sobre este vício de sentir encontro-me nos mesmos espasmos  
Da mesma poeira cinzenta das armas em que há sinais doutras eras

Quando entro numa sala grande e nua à hora do crepúsculo  
E que tudo é silêncio ela tem para mim a estrutura duma alma  
É vaga e poeirenta e os meus passos têm ecos estranhos  
Como os que ecoam na minha alma quando eu ando  
Por suas janelas tristes entra a luz adormecida de lá de fora  
E projecta na parede escura em frente as sombras e as penumbras  
Uma sala grande e vazia é uma alma silenciosa  
E as correntes de ar que levantam pó são os pensamentos

Um rebanho de ovelhas é uma coisa triste  
Porque lhe não devemos poder associar outras ideias que não sejam tristes  
E porque assim é e só porque assim é porque é verdade  
Que devemos associar ideias tristes a um rebanho de ovelhas  
Por esta razão e só por esta razão é que as ovelhas são realmente tristes

Eu roubo por prazer quando me dão um objecto de valor  
E eu dou em troca uns bocados de metal. Esta ideia não é comum nem banal  
Porque eu encaro-a de modo diferente e não há relação entre um metal e  
outro objecto  
Se eu fosse comprar latão e desse alcachofras prendiam-me  
Eu gostava de ouvir qualquer pessoa expor e explicar  
O modo como se pode deixar de pensar em que se pensa que se faz uma  
coisa  
E assim perderia o receio que tenho de que um dia venha a saber

Que o pensar eu em coisas e no pensar não passa duma coisa material e perfeita

A posição dum corpo não é indiferente para o seu equilíbrio  
E a esfera não é um corpo porque não tem forma  
Se é assim e se todos ouvimos um som em qualquer posição  
Infiro que ele não deve ser um corpo  
Mas os que sabem por intuição que o som não é um corpo  
Não seguiram o meu raciocínio e essa noção assim não lhes serve para nada

Quando me lembro que há pessoas que jogam as palavras para fazerem espírito

E se riem por isso e contam casos particulares da vida de cada um  
Para assim se desenfatiarem e que acham graça aos palhaços de circo  
E se incomodam por lhes cair uma nódoa de azeite no fato novo  
Sinto-me feliz por haver tanta coisa que eu não compreendo

Na arte de cada operário vejo toda uma  
geração a esbater-se  
E por isso eu não compreendo arte nenhuma e vejo essa geração  
O operário não vê na sua arte nada duma geração  
E por isso ele é operário e conhece a sua arte

O meu físico é muitas vezes causa de eu me amargurar  
Eu sei que sou uma coisa e porque não sou diierente de uma coisa qualquer  
Sei que as outras coisas serão como eu e têm de pensar que eu sou urna coisa comum

Se portanto assim é eu não penso mas julgo que penso  
E esta maneira de me eu acondicionar é boa e alivia-me

Eu amo as alamedas de árvores sombrias e curvas  
E ao caminhar em alamedas extensas que o meu olhar afeiçoa  
Alamedas que o meu olhar afeiçoa sem que eu saiba como  
Elas são portas que se abrem no meu ser incoerente  
E são sempre alamedas que eu sinto quando o pasmo de ser assim me distingue

Muitas vezes oculto-me sensações e gostos  
E então elas variam e estão em acordo com as dos outros  
Mas eu não as sinto e também não sei que me engano

Sentir a poesia é a maneira figurada de se viver  
Eu não sinto a poesia não porque não saiba o que ela é  
Mas porque não posso viver figuradamente  
E se o conseguisse tinha de seguir outro modo de me acondicionar  
A condição da poesia é ignorar como se pode senti-la  
Há coisas belas que são belas em si  
Mas a beleza íntima dos sentimentos espelha-se nas coisas  
E se elas são belas nós não as sentimos  
Na sequência dos passos não posso ver mais que a sequência dos passos  
E eles seguem-se como se eu os visse seguirem-se realmente  
Do facto deles serem tão iguais a si-mesmo  
E de não haver uma sequência de passos que o não seja  
É que eu vejo a necessidade de nos não iludirmos sobre o sentido claro das coisas

Assim havíamos de julgar que um corpo inanimado sente e vê diferente-mente de nós

E esta noção por ser admissível de mais seria incómoda e fútil

Se quando pensamos podemos deixar de fazer movimentos e de falar  
Para que é preciso supor que as coisas não pensam  
Se esta maneira de as ver é incoerente e fácil para o espírito?  
Devemos supor e este é o verdadeiro caminho  
Que nós pensamos pelo facto de o podermos fazer sem nos mexermos nem falar

Como fazem as coisas inanimadas

Quando me sinto isolado a necessidade de ser uma pessoa qualquer surge  
E redemoinha em volta de mim em espirais oscilantes  
Esta maneira de dizer não é figurada  
E eu sei que ela redemoinha em volta de mim como uma borboleta em volta de uma luz

Vejo-lhe sintomas de cansaço e horrorizo-me quando julgo que ela vai cair  
Mas de nunca suceder isso acontece eu estar às vezes isolado

Há pessoas a quem o arranhar das paredes impressiona  
E outras que se não impressionam  
Mas o arranhar das paredes é sempre igual  
E a diferença vem das pessoas. Mas se há diferença entre este sentir  
Haverá diferença pessoal no sentir das outras coisas  
E quando todos pensem igual numa coisa é porque ela é diferente para cada  
um

A memória é a faculdade de saber que havemos de viver  
Portanto os amnésicos não podem saber que vivem  
Mas eles são como eu infelizes e eu sei que estou vivendo e hei-de viver

Um objecto que se atinge um susto que se tem  
São tudo maneiras de se viver para os outros  
Eu desejaria viver ou ser adentro de mim como vivem ou são os espaços

Depois de comer quantas pessoas se sentam em cadeiras de balanço  
Ajeitam-se nas almofadas fecham os olhos e deixam-se viver  
Não há luta entre o viver e a vontade de não viver  
Ou então — e isto é horrroso para mim — se há realmente essa luta  
Com um tiro de pistola matam-se tendo primeiro escrito cartas  
Deixar-se viver é absurdo como um falar em segredo

Os artistas de circo são superiores a mim  
Porque sabem fazer pinos e saltos mortais a cavalo  
E dão os saltos só por os dar  
E eu se desse um salto havia de querer saber porque o dava  
E não os dando entristecia-me  
Eles não são capazes de dizer como é que os dão  
Mas saltam como só eles sabem saltar  
E nunca perguntaram a si-mesmos se realmente saltam  
Porque eu quando vejo alguma coisa  
Não sei se ela se dá ou não nem posso sabê-lo  
Só sei que para mim é como se ela acontecesse porque a vejo  
Mas não posso saber se vejo coisas que não aconteçam  
E se as visse também podia supor que elas sucediam

Uma ave é sempre bela porque é uma ave  
E as aves são sempre belas  
Mas uma ave sem penas é repugnante como um sapo  
E um montão de penas não é belo  
Deste facto tão nu em si não sei induzir nada  
E sinto que deve haver nele alguma grande verdade  
O que eu penso numa vez nunca pode ser igual ao que  
eu penso doutra vez  
E deste modo eu vivo para que os outros saibam que vivem

Às vezes ao pé dum muro vejo um pedreiro a trabalhar  
E a sua maneira de existir e de poder ser visto é sempre diferente do que  
julgo

Ele trabalha e há um incitamento dirigido que move os  
seus braços  
Como é que acontece estar ele trabalhando por uma vontade que tem disso  
E eu não esteja trabalhando nem tenha vontade disso  
E não possa ter compreensão dessa possibilidade?  
Ele não sabe nada destas verdades mas não é mais feliz do que eu com  
certeza

Em áreas doutros parques pisando as folhas secas  
Sonho às vezes que sou para mim e que tenho de viver  
Mas nunca passa este ver-me de ilusão  
Porque me vejo afinal nas áreas desse parque  
Pisando as folhas secas que me escutam  
Se pudesse ao menos ouvir estalar as folhas secas  
Sem ser eu que as pisasse ou sem que elas me vissem  
Mas as folhas secas redemoinham e eu tenho de as pisar  
Se ao menos nesta travessia eu tivesse um outro como toda a gente

Uma obra prima não passa de ser uma obra qualquer  
E portanto uma obra qualquer é uma obra prima  
Se este raciocínio é falso não é falsa a vontade  
Que eu tenho de que ele seja de facto verdadeiro  
E para os usos do meu pensar isso me basta

Que importa que uma ideia seja obscura se ela é uma ideia  
E uma ideia não pode ser menos bela do que outra  
Porque não pode haver diferença entre duas ideias  
E isto é assim porque eu vejo que isto tem de ser assim  
Um cérebro a sonhar é o mesmo que pensa  
E os sonhos não podem ser incoerentes porque não passam de pensamentos  
Como outros quaisquer. Se vejo alguém olhando-me  
Começo sem querer a pensar como toda a gente  
E é tão doloroso isso como se me marcassem a alma a ferro em brasa  
Mas como posso eu saber se é doloroso marcar a alma a ferro em brasa  
Se um ferro em brasa é uma ideia que eu não compreendo

O descaminho que levaram as minhas virtudes comove-me  
Compunge-me sentir que posso notar se quiser a falta delas  
Eu gostava de ter de minhas virtudes gostosas que me  
preenchessem  
Mas só para poder gozar o possuí-las e serem minhas essas virtudes

Há pessoas que dizem sentir o coração despedaçado  
Mas não entrevistam sequer o que seria de bom  
Sentir despedaçarem-nos o coração  
Isso é uma coisa que se não sente nunca  
Mas não é essa a razão porque seria uma felicidade sentir o coração despe-  
daçado

Num salão nobre de penumbra em que há azulejos  
Em que há azulejos azuis colorindo as paredes  
E de que o chão é escuro e pintado e com passadeiras de juta  
Dou entrada às vezes coerente por demais  
Sou naquele salão como qualquer pessoa  
Mas o sobrado é côncavo e as portas não acertam  
A tristeza das bandeiras crucificadas nos entre-vãos das  
portas  
É uma tristeza feita de silêncio desnivelada  
Pelas janelas reticuladas entra a luz quando é dia  
Que entorpece os vidros das bandeiras e recolhe a recantos montões de  
negrume

Correm às vezes frios ventosos pelos extensos corredores  
Mas há cheiro a vernizes velhos e estalados nos recantos dos salões  
E tudo é dolorido neste solar de velharias

Alegra-me às vezes passageiramente pensar que hei-de morrer  
E serei encerrado num caixão de pau cheirando a resina  
O meu corpo há-de derreter-se para líquidos espantosos  
As feições desfar-se-ão em vários podres coloridos  
E irá aparecendo a caveira ridícula por baixo  
Muito suja e muito cansada a pestanejar

1915

**Orpheu**, nº 3. (Lisboa: 1916) (Preparação do texto, introdução e cronologia de Arnaldo Saraiva.)  
Lisboa: Ática, 19??: 81.

Texto para o nº 3 de Orpheu, que não chegou a ser publicado.